

O MAL ESTÁ DE VOLTA. DISFARCEM!

APRENDIZ DO VILÃO

UPS!



HANNAH NICOLE MAEHRER

TOP
SEL
LER

*Aos meus irmãos, Avery, Jake e Ben,
por todas as vezes que tornaram
o meu coração mais leve, mesmo nos momentos mais pesados,
e por todas as vezes que me disseram que eu cheirava mal
(eu sei que isso era uma forma de dizer «amo-te»).*

*E a todos vós,
é assim que imagino a aprendiz
de um vilão de fantasia moralmente ambíguo.*

Aprendiz do Vilão é um romance de fantasia que provoca gargalhadas, com dedos decepados a rolar pelo chão do escritório e um quadro de incidentes de homicídio que ainda não saiu do 0 neste trimestre.

Como tal, a história apresenta elementos que podem não ser adequados a todos os leitores, incluindo rutura familiar, situações perigosas, linguagem gráfica, batalha, violência, sangue, morte, tortura, ferimentos, prisão, doença, queimaduras, afogamento, intoxicação acidental e consumo de álcool. Os leitores que possam ser sensíveis a estes elementos devem ter isso em atenção.

RENNEDAWN



SALVEM
O VILÃO!

O REI
NÃO
PRESTA!



CIDADE CINTILANTE



LISTA DE
AFAZERES MALÉFICOS:

- INICIAR A VINGANÇA
- SER IGNÓBIL
- CAOS
- CONFUSÃO

PASSARAM
 DIAS
DESDE O
ÚLTIMO
INCIDENTE
MALÉFICO



ELE, NÃO...
**SALVEM-ME
A MIM!**



CAVERNA DAS
ÁRVORES QUE
SE BEIJAM



FLORESTA DAS NOGUEIRAS

ALDEIA DO CORAÇÃO

TEATRO DAS
TERRAS MORTAS
0/5 ★

**O MAL
RULA**

MAR LILÁS



PRÓLOGO

Era uma vez...

Era um dia normal para O Vilão, à parte o facto de o seu corpo estar a arder.

A primeira semana de trabalho de Evie Sage tinha sido terrível — pelo menos para Trystan Maverine.

A cera pingou de uma das velas à sua frente para o pergaminho que estava a rever, falhando por pouco o pequeno rebordo do castiçal. Ele escarneceu da vela. O seu atrevimento imitava a mulher que ele contratara quando estava a esvair-se em sangue e a perder toda a noção de si próprio na Floresta das Nogueiras.

Uma excelente altura para tomar decisões importantes sobre novas contratações.

Em sua defesa, ele tinha a certeza de que ela se demitiria quase imediatamente. Mas a mulher era inquebrável. Ele tinha tentado de tudo, incluindo assassinato — sim, também tinha feito isso. Mas nem mesmo um corpo na secretária dela a fazia vacilar, ou ao seu maldito sorriso. Independentemente das tarefas que ele lhe impusesse, independentemente do perigo ou da repugnância que deveriam causar, ela sorria. E pior ainda, ela *tinha ficado*. A sua presença persistente inspirava um sentimento que ele não conseguia perceber.

Ele sentia-a ao seu lado, praticamente a brilhar de calor, como um turbilhão de luz cintilante. Uma luz para a qual ele tinha de resistir para não olhar, como se ela estivesse a atrair fisicamente a sua atenção, a sua mente. Contudo, ele não permitiria que ela o distraísse. Em vez disso, olhou atentamente para o ónix profundo da sua secretária, onde caía outra gota de cera. Ele estava perto do ponto de rutura — podia senti-lo como um líquido de isqueiro a aproximar-se de um barril de pólvora.

A correspondência nas suas mãos não estava a ajudar. *Malditos nobres*. Outro convite de Lorde Fowler, o único nobre do país disposto a negociar com O Vilão. Teria sido um ponto a seu favor, se o lorde não lhe enviasse constantemente convites para jantar. Mais valia enviar-lhe dinamite.

Felizmente, a amabilidade por correspondência era fácil de ignorar. Era decididamente menos fácil quando uma fonte de amabilidade estava a apenas um metro e meio de distância, a sorrir e... Deuses do céu, ela estava a *cantarolar*?

Ninguém deveria andar assim tão alegre. Não era natural.

Começava a achar que talvez a assistente que tinha contratado não fosse realmente humana — talvez fosse uma espécie de duende solar maníaco que nunca tinha visto a escuridão. E infelizmente essa disposição antinatural não se ficava por ela. A sua energia contagiosa estava a espalhar-se pelo escritório mais depressa do que a Doença Mística, que vitimava brutalmente Rennedawn na última década. Ele parecia o único que não era afetado por ela. Os seus funcionários pareciam mais felizes, as representações assassinas nos vitrais mais brilhantes; até os seus guardas pareciam mais amáveis, menos sedentos de sangue.

Nessa manhã, tinha apanhado um estagiário a saltitar pelo escritório. Isso tinha sido a gota de água.

Sage cantarolou novamente, do outro lado da divisão. Apeteceu-lhe agarrá-la pelos ombros e exigir que lhe dissesse de onde vinha aquela fonte interminável de emoções agradáveis. Ela voltou a cantarolar, e o olho dele tremelicou. Tinha-se enganado. *Essa é que foi a gota de água*.

Afastou-se da sua correspondência e abriu a boca aberta para a repreender, mas parou quando viu a expressão sonhadora no rosto dela. Estava inclinada para a janela aberta do escritório, com o perfil

iluminado pela lua e pelas estrelas. O ar noturno acariciava-lhe o cabelo escuro, criando a ilusão de que ela estava a voar. Ele olhou para a inclinação do nariz dela, quase... encantado?

Tinha de fazer alguma coisa.

— Esta papelada não se arruma sozinha, Sage — rosnou, quando conseguiu desviar os olhos dela. As mãos calejadas deslizaram pelo pergaminho liso enquanto fingia ordenar as páginas, de sobrolho carregado. Um cadáver sobre a secretária podia não ser o suficiente para a quebrar, mas a papelada de fim de noite podia muito bem fazê-lo.

O rosto dela apareceu de repente quando ela se aproximou da secretária, de nariz franzido e cabeça inclinada na direção dele, com os caracóis negros a caírem sobre o ombro.

— Isso seria muito conveniente! — respondeu ela com entusiasmo. Ele ia vomitar.

Tossindo, enjoado pelo calor que o invadia, olhou para trás, para a sua secretária, para Kingsley — um dos seus amigos mais antigos e seu companheiro quase constante na última década. O príncipe outrora humano era a razão pela qual Trystan estava nesta confusão. As deambulações de Kingsley tinham levado o anfíbio diretamente para os braços da guarda mágica do rei. O que tinha levado Evie Sage diretamente para os braços de Trystan, literalmente. Ele ainda conseguia sentir o seu corpo quente pressionado contra ele; o cabelo cheirava a rosas.

A coroa do sapo rebelde estava a escorregar precariamente para o lado enquanto ele segurava uma das suas placas. Dizia: BONITA.

— Achas que não tenho conhecimento disso? — refilou Trystan, tirando a placa da pequena pata palmada do sapo e batendo com ela na secretária antes de a rapariga a ver.

— Ter conhecimento do quê, senhor? — perguntou ela.

Merda.

— De como o facto de estares a sonhar acordada está a interferir com a realização desta tarefa em tempo útil — resmungou ele, olhando irritado para Kingsley, que abanou a sua pequena cabeça para ele. *Eu não serei comandado por um maldito sapo.*

Sage praticamente flutuou de volta para a secretária dele, com uma mistura de malícia e sinceridade nos olhos claros.

— Eu não estava a sonhar acordada. Estava a pedir um desejo.

A brilhante saia verde florida rodopiou à sua volta enquanto ela lhe lançava a força total da sua alegria.

Ele quase se baixou.

Mas, em vez disso, distraiu-se com o comentário dela.

— Um desejo?

Ela sentou-se na nova cadeira em frente a ele, afastou os caracóis do rosto e pegou numa pilha de papéis para separar.

— Nunca ninguém lhe ensinou que as estrelas ouvem os desejos? — perguntou ela, perplexa, como se fosse *ele* o absurdo.

— Nunca me ensinaram isso na escola — respondeu ele secamente, voltando a sua atenção para um relatório da chefe da sua Guarda Malévola, Keely.

Ela franziu o sobrolho.

— Oh, não, eu não aprendi coisas sobre as estrelas na escola. Aprendi com a minha mãe e a família dela. O tio Vale era um especialista. Eu e a minha prima Helena passávamos os verões a aprender sobre elas... deitávamo-nos na relva, à noite, a falar com o céu. Era muito divertido.

Os olhos alegres ficaram subitamente distantes, e o sorriso vacilou apenas por um segundo. Mas ele detetou-o. Estranho.

Ela continuou a falar, apesar de tudo, por instinto, aparentemente.

— As minhas aulas na escola nunca foram muito interessantes, mas senti falta delas depois de ter abandonado.

Ele fixou os olhos na cera de vela sobre a secretária.

— A tua formação não constava do teu currículo.

Ela foi demasiado casual na sua resposta.

— Tive de abandonar a escola depois de a minha mãe ter desaparecido. O meu pai tinha o negócio dele, e alguém precisava de ficar em casa com a minha irmã mais nova.

Não insistas. Não importa.

— Que idade tinhas? — perguntou ele. *Raios*.

Ele ouviu o farfalhar dos papéis nas mãos dela. Com certeza estava a agarrá-los com força.

— Tinha 13 anos.

Ele sentiu o peito contrair-se.

Kingsley tinha agora outra placa, claramente destinada a ele. O sapo balançou-a à frente do seu rosto. ASNO.

— Sage, eu... — Interrompeu-se. Tinha um pedido de desculpas na ponta da língua. *Um pedido de desculpas?* O Vilão não pedia *desculpas*. A simples vontade de o fazer atordoou-o de tal forma que fechou os lábios.

O apelido dela ficou suspenso no ar entre eles. Ele amarrotou uma carta e atirou-a para o caixote do lixo para não olhar para ela, mas claro que acabou por olhar na mesma.

Um ar horrorizado apoderou-se do rosto alegre dela. E o horror dela transformou-se em vergonha quando viu o olhar desconfortável dele.

— Oh... Oh, peço desculpa. Não costumo falar assim tanto.

Bem, isso definitivamente não era verdade. Só nos últimos sete dias, ele ouvira a pequena criatura falar mais do que qualquer outro ser humano que ele conhecia... e, o que era assustador, conseguia lembrar-se de cada palavra.

— Acho que estás a mentir — disse ele com aspereza, não com gentileza.

— Oh, pois estou — respondeu ela, e depois soltou uma gargalhada. — Sobre falar, pelo menos, mas peço *mesmo* desculpa.

Ela possuía uma naturalidade radiante. Tão rápida a pedir desculpa. E fazia com que parecesse tão simples.

— Está tudo bem — grunhiu ele.

Ela iluminou-se e ele pestanejou. Ele fez mesmo isso?

— Devo estar a ficar mais à vontade consigo — observou ela. Pelos deuses, a mulher era como o sol. Ele precisava de óculos escuros só para olhar para ela.

Ele semicerrou os olhos e franziu o sobrolho.

— Bem, o conforto é inaceitável neste escritório. Talvez agora *deves* pedir desculpa.

Ela mordeu o lábio, mas a curva para cima transpareceu na mesma. A sua cabeça virou-se para a janela, para a estrela mais brilhante que cintilava através dela. Pensativa.

Demasiado para suportar. Ele precisava dela fora daqui. Agora.

No entanto, antes de ele a enxotar, ela olhou para ele, com as bochechas coradas. Os seus pequenos dedos afrouxaram sobre os papéis que tinha nas mãos e ela disse, com a maior sinceridade:

— Peço desculpa. Mas é verdade. Este é o melhor emprego que já tive.

Ele murmurou uma imprecisão em surdina. Aquilo foi como um golpe, tão forte que ele quase foi projetado para trás. Alargou o colarinho, para não se engasgar.

O sentimento misterioso que aparecia depois de cada teste a que ele a tinha submetido, depois de a ver sorrir, finalmente revelou-se. Alívio.

O coração batia acelerado, sinalizando o perigo da emoção, mas ele respirou fundo mesmo assim e respondeu:

— Folgo... em sabê-lo. — Levantou-se e tirou os papéis das mãos dela. Ela soltou-os prontamente. — Estás dispensada por hoje, Sage. Acho que já te torturei o suficiente.

Os olhos dela pousaram nas portas do escritório quando também ela se levantou, pousando uma mão na anca e erguendo uma sobranceira.

— Acho que os homens lá em baixo nas masmorras não concordariam, senhor.

Ele fingiu engasgar-se e bateu no peito para abafar o riso, espantado com o acesso. Em vez disso, cerrou os lábios numa linha firme.

— A menos que queiras juntar-te a eles, sugiro que te vás embora.

Ela franziu o nariz mais uma vez antes de se dirigir para a porta, mas parou novamente para olhar pela janela, algo a atraindo para as centelhas de luz perolada no céu refletida nos seus olhos.

Ele não conseguia evitar, não sabia porquê. Mas tinha de saber.

— O que é que desejaste? — As palavras dele saíram num sussurro rouco.

Ela virou-se de frente para ele e começou a recuar lentamente até à porta, com a mão estendida para trás, para rodar o puxador. Havia algo no rosto terno dela que fazia com que os seus ossos parecessem gelatina.

— Eu digo-lhe quando se tornar realidade.

A porta fechou-se suavemente atrás dela, e as estrelas cintilaram mais uma vez no canto do olho dele. Ele ignorou-as, dirigiu-se rapidamente para a sua secretária e procurou na gaveta de cima o rubi de chamada. Desejos. Ridículo.

O rubi de chamada, tal como muitas outras joias na sua posse, era usado para comunicar com os membros da guarda. Diferentes setores

tinham diferentes joias mágicas encantadas, dependendo do estatuto, mas esta situação exigia o Setor Rubi. O mais letal. O seu preferido.

Rapidamente deu ordem para que alguém qualificado seguisse Sage na escuridão, para se certificar de que ela chegava a casa inteira. Havia muitos perigos na Floresta das Nogueiras, à espera de cravar as garras em alguém exatamente como aquela jovem, e ele já tinha investido uma semana do seu tempo nela. Não deixaria que isso fosse desperdiçado.

Eu não a vou desperdiçar.

Afinal, de que adiantava ter uma assistente... se ela estivesse morta?



CAPÍTULO 1

O CAVALEIRO

— **A** Evie Sage está morta. As palavras do cavaleiro ecoaram pela entrada arejada do gabinete do rei, ressoando nas paredes opulentas como um grito de luto.

O Rei Benedict tinha o rosto inclinado para baixo, e nas mãos imaculadas segurava as páginas de um livro aberto. A luz do sol da grande janela derramava-se sobre as páginas folheadas a prata, tornando o ambiente da sala abafado e opressivo. O cavaleiro agitou-se debaixo da sua armadura apertada, mas quando o rei levantou a cabeça, ele ficou mortalmente imóvel.

Isto foi um erro.

O Rei Benedict fechou o livro e a luz do sol diminuiu um pouco, como se estivesse desapontada. Levantou-se lentamente, com um sorriso compassivo a aflorar-lhe aos lábios.

— É uma pena — disse, passando uma mão pelo cabelo cor de areia. Havia apenas algumas pequenas madeixas grisalhas, algo que era surpreendente para um homem com a idade avançada do rei. — A pobre rapariga foi corrompida pelo Vilão. Suponho que, à sua maneira, esta tenha sido uma morte misericordiosa. Não há como salvar alguém que se aproximou tanto das trevas. Agora ela pode ficar em paz.

O sorriso do rei era de autossatisfação.

Odeio-te.

O cavaleiro cerrou o punho ao seu lado, mas soltou-o antes de o rei notar. Acenou com a cabeça.

— Sois sempre misericordioso, meu rei. — As palavras arderam-lhe na língua.

Benedict semicerrou os olhos e fez um gesto para uma cadeira almofadada.

— Por favor, sente-se. A viagem de regresso ao palácio deve ter sido extenuante. Como está o Sir Ethan? Ele ficou consigo para ver o trabalho concluído, não foi?

O cavaleiro dirigiu-se cuidadosamente para a cadeira de veludo vermelho; a almofada cedeu quando ele se baixou para se sentar. Apenas os seus olhos verdes eram visíveis por baixo do elmo quando ele corrigiu gentilmente:

— Sir *Nathan*, Vossa Majestade.

— Ah, sim! Sir *Nathan*. — O rei riu-se.

— Morto — respondeu o cavaleiro, sem rodeios.

— Ah?! — As sobrancelhas do rei arquearam-se.

O cavaleiro disse as palavras exatamente como tinha praticado.

— O Otto Warsen, receio, tornou-se um pouco sedento de sangue. Eu próprio o despachei depois de ele se ter virado contra mim e o Sir *Nathan*. — Orgulhava-se de ter conseguido evitar que a sua voz tremesse com a mentira.

O rei não pareceu ficar triste, o que não surpreendia ninguém — pelo menos ninguém na sala.

— Muito bem. Quanto menos pontas soltas, melhor. Espero que tenha tratado do cadáver do Warsen.

Os lábios do cavaleiro contraíram-se sob o elmo, lembrando-se exatamente de como a cabeça do Sr. Warsen tinha sido... *tratada*.

— Sim, meu rei.

Mais suor começou a acumular-se na parte de trás do pescoço do cavaleiro. Ele sabia o que o rei estava prestes a perguntar-lhe.

— E o corpo da Evie Sage? Posso vê-lo?

A luz difusa da janela deslizou contra as costas das mãos do cavaleiro, agora cobertas por um novo par de luvas. Sem salpicos de sangue. A luz deu-lhe uma sensação de paz quando respondeu:

— Lamento, mas os curandeiros precisam de tempo para reparar os ferimentos e torná-la apresentável, como pedistes. Pedem a vossa benevolência para não serem incomodados enquanto trabalham.

A seguir fez-se silêncio. O cavaleiro susteve a respiração para que o rei não reparasse que o seu peito se movia rapidamente. *Mantém a calma*, ordenou a si próprio, certo de que o seu coração estava a bater com tanta força que o rei o poderia ouvir facilmente.

O rei sorriu, um sorriso que não lhe chegou aos olhos. Nunca chegava.

— Suponho que posso fazer-lhes a vontade. Certifique-se apenas de que ela está preparada para o desmascaramento no final da semana.

O cavaleiro acenou com a cabeça, expirando lentamente.

— Sim, meu rei.

Ele não precisava de perguntar o que era esse «desmascaramento». O rei era bastante bom a gabar-se dos seus feitos.

Três, dois, um...

— No final da semana, vamos desmascarar O Vilão em frente a todos os nobres notáveis da terra.

Pensei que ele só chegaria ao dois. Mas Sua Majestade *estava* ansioso. Algo maníaco brilhava nos seus olhos enquanto transmitia a notícia.

— Um verdadeiro feito, meu rei. — O cavaleiro semicerrou os olhos para fingir um sorriso. — Parabéns.

O rei levantou-se com um floreado, levando a capa forrada de peles a esvoaçar atrás de si, enquanto atirava um livro da sua secretária para a pequena mesinha em frente ao cavaleiro. O livro fez estremecer a madeira, agitando os cálices de prata com gotas de vinho no interior. Bem precisava de um copo. Ou vários.

— É apenas o começo de uma nova era para Renedawn.

As sobranceiras do cavaleiro subiram até à linha do cabelo. Aquilo soou... sinistro.

O rei continuou a falar.

— Apresentar a Evie Sage como a vítima perfeita vai solidificar o ódio do reino pelo Vilão. Finalmente, a prova de todos os seus erros...

— Fez um gesto na direção do livro, cuja capa era uma opulenta variedade de cores cintilantes. — *A História de Renedawn.*

A fábula infantil? A *História de Rennedawn* era o conto épico de como Rennedawn surgira e a rima encantada que salvaria a sua magia desvanecida, supostamente transmitida pelos próprios deuses — embora mais frequentemente ouvida da boca de pais para assustar as crianças. Cada um dos reinos mágicos do continente de Myrtalia tinha a sua própria história de como fora originada, muitas delas igualmente estranhas ou sem sentido. O cavaleiro nunca tinha visto uma versão impressa da de Rennedawn, mas a capa colorida pouco contribuía para proclamar a legitimidade do texto. Estaria o rei a ter dificuldade em distinguir a ficção da verdade?

Talvez tenha a coroa um pouco apertada demais.

Embora houvesse sussurros, rumores de que Rennedawn tinha realmente começado a desaparecer na terra. Se a história fosse verdadeira...

Haveria verdade nesses rumores?

O rei suspirou.

— Receio que para garantir que continuemos a ser o mais forte dos reinos mágicos, preciso que me faça um grande favor.

O rei tinha pedido *muitos* favores ao cavaleiro e, de todas as vezes, sem falhar, a sua resposta era: «Sim, meu rei.»

— Preciso que vá à casa da família Sage e recupere as cartas da Nura Sage. Devolva-mas prontamente até ao final do dia.

O cavaleiro procedeu com cautela.

— Tudo o que Vossa Majestade ordenar. Mas posso perguntar-vos para que precisais delas?

— Eu tinha esperança de que a rapariga mais velha dos Sages pudesse possuir os mesmos poderes da mãe, porém, apesar dos esforços do Griffin, a rapariga foi inútil. — Benedict bateu no queixo e fez uma careta. — Bem, inútil *viva*. — O cavaleiro permaneceu impassível. — De qualquer forma, as cartas vão ajudar-nos a encontrar a localização da Nura. Ela não é vista há anos.

— E a Sage mais nova? — A voz do cavaleiro mal passava de um sussurro.

O rei acenou com uma mão.

— É como se estivesse morta. Levada pela horda do Vilão.

O calor opressivo tornou-se tão sufocante que o cavaleiro se sentiu tonto.

— E os guivres, senhor? O veneno de um deles? Eu achava que também precisáveis deles. Luz das Estrelas e Destino, ou algo do género?

Uma veia pulsou na testa do rei, mas o seu rosto permaneceu imperturbável. Baixou-se, pegou no livro e colocou-o delicadamente numa caixa de cristal junto às janelas. O seu barítono claro, quase melódico, fez estremecer as paredes com o seu desdém.

— Felizmente, tenho em minha posse o homem certo para me ajudar com isso.

O cavaleiro sabia a quem ele se referia, mas, mesmo assim, um arrepio enregelou-lhe o sangue.

O Vilão.



CAPÍTULO 2

O VILÃO

O Vilão não sentia falta da luz. Sentia falta da cor. Trystan olhou para o alto, com a cabeça a latejar com os lamentos dos outros prisioneiros encurralados, como ele, nas trevas. A pedra sob as palmas das mãos era áspera contra a sua pele pegajosa, a única coisa que o mantinha no chão durante a escuridão interminável. Era como a morte, a escuridão. A morte sem paz, uma escuridão sem luz — a dor nas pernas e nos braços era o único indicador de que estava vivo.

O seu ritmo cardíaco aumentou, não conseguia respirar. Não havia barras a que se agarrar. Nenhum poder para invocar, como se a sua névoa tivesse sido emparedada, presa, tal como ele. No entanto, sentia-a contorcer-se e enrolar-se dentro de si. A implorar por liberdade — já eram dois.

— Basta.

Desequilíbrioou-se e, felizmente, o ombro embateu contra uma superfície irregular e esburacada. Tijolo. Graças aos deuses. Havia uma parede, o seu peso robusto confortava-o contra o seu maior medo: a escuridão. As mãos cobertas de bolhas seguiram a sua curva, mas não havia fim à vista. Onde é que estava a maldita porta?

Parou para inspirar profundamente. *Respira, Trystan*. Ele tinha de sair dali, tinha de encontrar Sage. Evie... Otto tinha Evie, estava a magoar...

Não. Ele não se podia concentrar nisso agora. Ainda não.

Continuou a seguir a parede, percorrendo-a de alto a baixo. Movia-se num alucinante ciclo interminável. Durante minutos? Horas? Não sabia.

O cansaço obrigou-o a fechar os olhos por momentos. Que diferença é que isso fazia? Não havia maneira nenhuma nas terras mortas de ele conseguir sair dali — não com a sua magia fora de serviço. Esta não era a sua cela na casa de verão do rei: era uma câmara destinada especificamente à sua prisão, à sua tortura.

A ironia não lhe passou despercebida.

A falta de esperança era um sentimento horrível, para não dizer inútil. Mas ele sentia a esperança esvair-se enquanto se ajoelhava pela segunda vez nesse dia. Gemeu, sentindo falta da indiferença, sentindo falta de abafar os seus sentimentos como se estivesse a apagar um fogo. Era preferível ao ardor que lhe corroía as entranhas. Mas ele tinha sido impotente contra a indiferença com Sage. Soube-o naquele instante, tal como soube — a arrepiante sensação eriçou-lhe os pelos do pescoço — que não estava sozinho nesta divisão.

— Estás com péssimo aspeto, meu rapaz.

A raiva pulsava por detrás dos seus olhos doridos e ele esforçou-se inutilmente para ver Benedict à sua frente. O rei tinha dispositivos para caçar no escuro, e tinha-os usado para atormentar Trystan durante a sua primeira estadia. Noutra vida, ele poderia ter admirado o espetáculo, mas nesta só queria partir os dentes do rei ao pontapé.

Levantando-se com as pernas trémulas, esforçou-se por falar com firmeza.

— Ah, bem, tenho a certeza de que é um conforto para ti, Benedict. É como veres-te ao espelho.

Benedict riu-se.

— Ora, ora. Não há necessidade de hostilidades. Vim apenas para falar contigo.

— A tortura já está a começar?

Trystan sabia que o golpe estava a chegar e esperou para ver a trajetória. O punho acertou-lhe no estômago com tanta força que o ar lhe saiu dos pulmões e os joelhos cederam. Será que o guarda tinha punhos de aço? Pelos deuses, aquilo doeu.

Benedict riu-se de novo. Uma dor aguda e desorientadora atingiu o tronco de Trystan enquanto ele inspirava. Não importava; ele conhecia a dor, conhecia a agonia mais profunda do que as ondas do Mar Lilás. Aprendera, havia muito, a aproximar-se da dor em vez de se afastar dela.

Mãos ásperas fecharam uma algema metálica à volta de cada um dos seus pulsos, roçando-lhe a pele até a deixar em carne viva enquanto ele se debatia contra as correntes, esticando-as contra a parede. A sensação de imobilidade era pior, de alguma forma, do que a dor.

A voz do rei era trocista.

— Que desilusão. Estava à espera de uma conversa civilizada.

— Eu nunca fui muito bom em subtilezas sociais.

A dor lancinante latejava-lhe agora no flanco. Fantástico. Tinha lesionado uma costela.

O rei cantarolou.

— Então vou direto ao assunto. Preciso dos guivres que acasalarão... rapidamente.

Foi a vez de Trystan se rir.

— E por que diabo eu te daria alguma coisa?

— Devo lançar alguma luz sobre o assunto? — Ouviu-se um ruído e depois a sala foi inundada pela luz ténue de uma tocha. Lágrimas arderam nos olhos sensíveis de Trystan e ele pestanejou com força. — Pronto. Agora podes ver-me mais claramente.

— O horror. Apaga isso.

Outro golpe no estômago, mas desta vez ele conseguiu ver o punho e preparou-se para o receber. *Pequenos milagres*.

Agora também conseguia ver Benedict, à luz da tocha que ele segurava: cabelo perfeitamente arranjado, roupas bem feitas, fazendo com que a camisa de Trystan, agora visivelmente rasgada, parecesse um farrapo.

— Estou a dar-te a oportunidade de te redimires, Vilão. Os guivres são essenciais para o futuro deste reino e de todo o seu povo. Esta é a tua última oportunidade de te redimires de todo o mal que causaste.

Trystan zombou.

— E quanto ao mal que tu causaste? — Mirou Benedict da cabeça aos pés, com desdém, sabendo a ira que isso provocaria. — Suponho

que penses que os teus crimes são desculpáveis, desde que os cometas no escuro.

O rei engoliu e os seus ombros ficaram tensos, como se estivesse a conter-se fisicamente para não atacar.

— Não sabes o que está em jogo, seu maldito tolo.

Benedict estava à beira de um precipício, e Trystan conseguia sentir a bolha da verdade a formar-se por detrás dos lábios sarcásticos de Benedict. O orgulho seria a desgraça do rei — ele sabia-o como a lua conhecia as estrelas e a erva conhecia o sol. Tudo o que Trystan tinha de fazer era pressionar a ferida certa.

— Todos os teus falhanços estão finalmente a atingir-te, Benedict? — Trystan sorriu.

Uma veia saltava na testa de Benedict enquanto ele se aproximava, apenas um pouco fora de alcance.

— Eu não falhei. Falharam comigo, primeiro tu, depois a guivre fêmea. — Benedict fez uma pausa, com os olhos brilhantes de perigosa satisfação. — Felizmente para mim, os erros podem ser retificados. A começar pela pobre e iludida mãe da Evie Sage.

Era um apelo à guerra, mencionar o nome dela. Um rápido lampejo de raiva branca percorreu-lhe a pele, distraíndo-o das palavras, da verdade que Benedict não deveria ter revelado.

O que é que o rei queria com a mãe da Sage?

Trystan esforçou-se ao máximo para manter o rosto inexpressivo, mas estremeceu ao ouvir o nome dela. Benedict sorriu com a reação, provavelmente sabendo agora o que aquele nome lhe fazia, depois de ele ter implorado por ela. Que odioso, ter as suas falhas expostas abertamente; que terrivelmente doloroso.

Trystan preparou-se para isso, endireitando os ombros, entrando no jogo.

— Manter uma cria de guivre em cativeiro dificilmente te manteria nas boas graças do Destino, Benedict. Mantiveste a fêmea presa durante quase uma década... isso deve ter tido as suas consequências.

O rei sorriu.

— Quem disse que não teve?

Trystan cerrou os dentes, decidido a não dar nada ao rei.

Mas a curiosidade mordeu-o como um cão de caça raivoso.

A máscara de gentileza do rei estalou quando Trystan manteve a boca fechada.

— És um egoísta inútil. — O lábio de Benedict curvou-se em desagrado. — Eu fiz de ti meu aprendiz. Ensinei-te tudo o que sei, moldeei-te à *minha* imagem. Não só isso, como confiei em ti para fazeres o que é melhor para este reino, e vi como te esforçaste para me ajudares a salvá-lo... e como tragicamente falhaste.

A pontada no peito de Trystan não era real. Ele não precisava de sentir se não quisesse; ele estava em controlo. Fungou e pestanejou para afastar o líquido que começava a toldar-lhe os olhos já cansados, com o tronco a protestar quando se endireitou.

— Aterrorizar o reino é muito mais gratificante do que nobres atos heroicos. Ainda bem que os ultrapassei.

Não me vou deixar abalar.

— Além disso — zombou Trystan, revigorado por uma onda de raiva —, eu ajudei-te à minha maneira. Eu tornei-me O Vilão do conto... e não era disso que tu *realmente* precisavas?

O rei sorriu e acenou com a cabeça em direção às portas, fazendo um sinal aos guardas. Não queria que eles ouvissem o que viria a seguir. Esperou até que eles saíssem para falar novamente.

— Não sei o que queres dizer.

— Eu ajudei-te a procurar magia de luz das estrelas no reino, se bem te lembras. Ajudei-te a apanhar a guivre fêmea. Vi como identificaste a minha magia só para a usares contra mim. Não sou parvo, Benedict. Eu sabia que essas coisas estavam ligadas... os meus espões ouviram os rumores d'A *História de Rennedawn*. Não precisas de continuar a fingir.

Benedict ergueu a mão para bater, mas conteve-se, engoliu em seco e baixou-a.

— És tão parecido com a tua mãe. Por outro lado, suponho que o Arthur não esteve por perto o suficiente para te dar muito do seu temperamento.

O rei falava como se conhecesse bem os seus pais, mas Trystan teria de refletir sobre isso mais tarde. Por agora, estava demasiado distraído a pensar em Arthur, o seu pai, que tinha sido capturado pelos homens do rei e — sentiu uma pedra afundar-se nas suas entranhas — falsamente acusado de ser O Vilão.

— Acredito que agora que me tens a mim, vais libertar o Arthur.

— Tudo a seu tempo, meu rapaz. — Benedict virou-se, com a tocha ainda na mão, dirigindo-se para uma parede aberta, toda a luz desaparecendo com ele. — Eu *terei* os guivres, custe o que custar.

Quando a escuridão voltou, Trystan avançou, subitamente desesperado.

— Benedict. — O rei parou, de costas. — A minha assistente é de grande valor para os meus negócios. Se alguma coisa lhe aconteceu, se ela foi prejudicada de alguma forma... eu vou arruinar-te. E farei isso em plena luz do dia, para que todos o vejam.

A sua voz rouca era grave e calma, apesar da agitação no seu corpo. O rei virou-se, pressentindo a ameaça. O rosto de Evie apareceu na mente de Trystan; não conseguiu mantê-lo afastado por mais tempo. As suas lágrimas, os seus gritos quando Otto Warsen colocou a mão nojenta à volta da sua boca. As lesões físicas de Trystan não eram nada comparadas com a dor penetrante que lhe apertava o coração.

Há mais de uma década que não se sentia tão indefeso. O seu corpo não conseguia aguentar a tensão de tudo aquilo, a crua necessidade de a proteger enquanto estava totalmente incapaz de o fazer.

O rei inclinou a cabeça, franzindo o sobrolho em fingida simpatia.

— Esqueci-me de te dizer? As minhas desculpas...

Trystan quase conseguia sentir as palavras a chegar antes de o rei as dizer.

O pressentimento de repente fez com que a escuridão parecesse um lar. Que apropriado.

— Ela está morta.



CAPÍTULO 3

O VILÃO

Sete dias depois

A *Sage não está morta.*

O sol tinha desaparecido para lá do horizonte, mas o céu noturno parecia quase troçar dele com o seu brilho produzido pelas estrelas.

Os guardas tiveram de o arrastar para fora da masmorra, pois os seus membros eram como sacos de areia por causa das algemas mágicas, que lhe minavam as forças. Apenas mantivera a sua força de vontade graças a uma verdade irrefutável, repetida como um mantra nos últimos dias.

A Sage não está morta.

Decerto o rei mentira para o atormentar — um esforço louvável, Trystan tinha de admitir. Mas Benedict não tinha tido em conta que ele e Sage estavam irrevogavelmente ligados por um contrato de tinta dourada: uma ferramenta de emprego que, originalmente, deveria garantir a lealdade da sua nova assistente, mas que, em vez disso, se tornara uma forma de monitorizar a sua segurança. Embora Sage ainda tivesse a impressão de que o anel de tinta dourada à volta do seu dedo mindinho a mataria se ela o traísse, ele prometeu dizer-lhe a verdade quando voltasse a vê-la.

E ele *voltaria* a vê-la.

Seria um desastre, claro. A forma como ele se deliciaria, perverso, com o seu pequeno nariz a franzir-se e o seu rosto a corar de raiva. E claro que ela ia gritar com ele, enrubescendo também a pele que se escondia debaixo do corpete, e claro que, naturalmente, isso o distrairia do ralhete dela. E claro que ela se aperceberia e gritaria ainda mais com ele.

Ele mal podia esperar.

As longas correntes amarradas aos seus pulsos arrastavam pelo chão terrivelmente imundo e pegajoso — nem as masmorras dele eram tão nojentas. Mas havia janelas, que lhe permitiam alguns vislumbres, e pelo menos as correntes já não o prendiam à parede, por isso, no cômputo geral, eram acomodações muito boas.

— Será que me podiam dar uma cela de canto? — perguntou aos guardas através das grades. Pouco tinha falado nos últimos dias, e isso percebia-se quando as palavras saíam, como lixa contra pedra.

— Cala-te, idiota! Espero que o rei te estripe e enforque depois do desmascaramento.

O guarda à sua esquerda puxou-lhe uma das correntes e ele tropeçou.

— Também te vais desmascarar? — perguntou Trystan asperamente.

O guarda levantou o elmo para expor o seu rosto magro e o que Trystan deduziu tratar-se de uma expressão eternamente carrancuda. Será que Trystan ficava assim quando fazia cara feia?

— Não estou a usar uma máscara — respondeu o guarda.

Ele suspirou.

— Que pena.

Com o rosto contorcido de raiva, o guarda ergueu um punho.

— Seu maldito... — Mas o homem foi impedido pelo guarda à direita de Trystan. — Não faça isso, Sir Seymore, e não se preocupe. Serei eu a levá-lo para o salão de baile para o desmascarar. — A voz grave deste novo guarda parecia estranhamente familiar, mas a sua cara estava tapada, apenas os olhos verdes eram visíveis.

Ele já teria visto aqueles olhos?

Enquanto ele contemplava essa possibilidade, os olhos de Trystan desviaram-se para o fim do corredor. Apesar da visão enevoada e cansada de tanto tempo sem luz, apercebeu-se de uma porta castanha, ligeiramente entreaberta. A sua língua pressionou o céu da boca — *uma*

saída. Ia ser levado imediatamente para o desmascaramento? A porta aberta deveria parecer uma condenação, mas tudo o que ele viu foi liberdade. Só precisava de uma distração suficientemente boa e de uma forma de remover as algemas que lhe suprimiam a magia e cortavam a circulação dos pulsos...

O seu olhar vagueou por uma janela maior para lá das grades, e o céu noturno piscou-lhe o olho. Claro que ele sabia que era irracional pedir um desejo, mas quando a estrela cintilou no firmamento, desafiando-o — como já acontecera antes — ele deu por si a fazê-lo de qualquer maneira.

Desejou encontrar Sage.

Desejou dizer-lhe que estava arrependido.

Desejou ser melhor a revelar o que sentia, pouco a pouco.

E talvez, o mais importante — desejou ter um maldito chá da tarde com a irmã mais nova dela, Lyssa.

Parecia ridículo, mas foi esse pensamento que de alguma forma potenciou os seus membros lânguidos quando ouviu o guarda de olhos verdes abrir a sua cela.

Ainda não. Ainda não. AGORA.

Correu pela porta aberta, com as correntes a arrastar atrás dele, o metal mordendo-lhe as mãos quando ele as agarrava. Os músculos das suas pernas ardiavam enquanto corria, mas não conseguia parar — a saída estava tão perto. A sua respiração era irregular, os pés calçados com meias faziam-no deslizar contra a pedra. Só os deuses sabiam para onde tinham desaparecido as suas botas.

Um pouco humilhante, pensou ele entre arquejos ofegantes, *o quanto eu lutei para não serem levadas*. Tinham sido um presente de Sage.

Quase a chegar à porta, ouviu os guardas a gritar atrás de si. A voz mais alta pertencia ao cavaleiro de olhos verdes, que lhe implorava para parar. O puro desespero — e será que havia uma ponta de medo? — na sua voz fez Trystan fazer uma pausa enquanto punha uma mão na porta.

— Não entre aí, Sr. Maverine. Vai arrepender-se, juro.

Ah, o rei tinha finalmente revelado o verdadeiro nome de Trystan aos Guardas Valentes. Sem dúvida que a seguir se espalharia pelo reino, o nome de Maverine seria amaldiçoado, a sua família arruinada.

Intolerável.

Não que eles fossem afetados — mas que ele se *importasse*.

Empurrou a porta e ouviu a voz satisfeita de Benedict atrás dele. Devia ter feito uma pausa, devia ter dado ouvidos aos sinos de aviso na sua cabeça, mas a sua mente e o seu corpo tinham-se descontrolado; já não podia confiar nos seus instintos. Serviam-lhe tanto como uma bússola avariada.

Foi por isso que ignorou o subtexto malicioso na ordem de Benedict.

— Não, homens. Deixem-no ir. Deixem-no *ver*.

Trystan não esperou, apenas saiu do corredor e correu para o que esperava ser uma escadaria, mas não. Não era uma escadaria, era uma pequena sala.

E o que ele viu lá dentro provou, de uma vez por todas, que os desejos não foram feitos para pessoas como ele.

Apenas o horror.



CAPÍTULO 4

O VILÃO

Trystan nunca acreditara que a morte fosse bela.

Na sua mente, a morte era lógica, necessária — agradável até, se a pessoa a merecesse. Mas nunca bela, nunca tão dolorosamente difícil de olhar que o seu corpo congelava e os músculos se contraíam com tanta força que pulsavam por baixo da sua pele corada. Nunca tão dolorosa que o seu cérebro não conseguisse ligar as peças do que estava a ver.

Porque na mesa de mármore branco diante dele, na pequena sala com paredes de pedra e luz fraca e intermitente, estava a sua assistente, Evie Sage.

Morta.

O choque instalou-se na medula dos seus ossos, na rigidez assustada das suas pernas. Os seus olhos ardiam de novo, não por causa da luz, mas da *dor*. Mentalmente ordenou a Sage: *Mexe-te!* Mas ela permaneceu imóvel, de forma não natural. Mais quieta do que ele alguma vez a tinha visto. Uma mulher que sempre fervilhara com uma energia errática, a sua boca nunca se cansando das palavras que lhe saíam — e agora ele esperava que ela dissesse alguma coisa, qualquer coisa.

Mas os seus lábios pintados de vermelho estavam fechados numa linha reta, inexpressiva. Tão estranho nela, que era surpreendente. *Impossível.*

Ele deu um passo trémulo em frente, ignorando o ranger da porta de madeira atrás de si e o tilintar da armadura que se seguiu.

— Esperava poupar-te a isto, como uma última gentileza. — Em contraponto às palavras misericordiosas, a voz de Benedict transbordava de desdém. Mas Trystan não se virou, não conseguia dar atenção a Benedict.

Os seus olhos estavam postos em Sage, na forma como o cabelo preto fora artisticamente espalhado à sua volta, como uma auréola etérea de caracóis, com pequenas flores coloridas colocadas por todo o lado. Um nó formou-se na sua garganta quando deu um passo em frente, escondendo as suas emoções atrás de um muro de descrença. Até que as viu.

Impressões digitais pretas e roxas à volta da garganta dela.

Fechou os olhos firmemente. Os punhos cerraram-se com tanta força que as unhas romperam as bolhas nas palmas das mãos.

Benedict falou novamente, mais perto desta vez.

— Não te preocupes, meu querido rapaz. — Trystan inspirou profundamente. — Ela não sofreu... *muito*.

Os olhos dele abriram-se. Os seus punhos abriram-se. Uma estranha calma instalou-se no seu rosto, e por um momento, o mundo parou.

E depois aquele momento acabou.

— Seu *desgraçado!* — exclamou, num tom de voz gutural quando se atirou a Benedict. As grilhetas enfraqueciam a magia a arder sob a superfície, mas pouco importava, bastava-lhe a raiva que sentia. Era primordial, estava em brasa, era *o que bastava*. As chamas lambiam-lhe a pele, o coração batia com força enquanto ele avançava.

Benedict embateu na parede com estrépito, perdendo a coroa, que se espatifou aos pés de Trystan. Os olhos do rei brilharam de medo. *Ótimo*. Trystan conhecia o medo muito melhor do que as emoções turbulentas que assolavam as suas entranhas. Os guardas agarraram cada um dos seus braços, tentando desesperadamente puxá-lo para trás, mas ele era mais forte.

Não tinha nada a perder agora.

Fechou as duas mãos à volta da garganta de Benedict, apertando com toda a força que conseguia com os pulsos acorrentados e dois

guardas a puxarem-no furiosamente pelos bíceps tensos. Os olhos de Benedict arregalaram-se, quase a sufocar, esforçando-se por respirar. Apertando ainda com mais força, Trystan sentiu a sua consciência — por mais pequena que fosse — ressurgir. De repente, já não era o Rei Benedict que estava a olhar para ele, era Evie. Os seus doces olhos cheios de lágrimas, aterrorizados. Ela estava a sufocar, a morrer. *Oh, deuses.*

As suas mãos nunca lhe tinham parecido tão perigosas. Relaxou-as, e os guardas finalmente conseguiram afastá-lo do rei. De volta para Sage, de volta para onde ela estava. A sua cabeça inclinou-se para o lado, absorvendo-a, ignorando o pano de fundo dos arquejos aflitos de Benedict enquanto tropeçava em direção a ela.

Não importava. Nada importava. Tudo o que ele via era ela.

Engolindo com dificuldade, Trystan moveu-se até estar mesmo ali, caindo de joelhos ao lado dela.

— Sage — disse Trystan num sussurro. — Sage, acorda.

Examinou-lhe o rosto. Os olhos estavam fechados, as pestanas escuras pousadas suavemente no cimo das bochechas — bochechas que estavam pálidas, sem o seu habitual tom rosado.

— Ordeno-te, como teu patrão, que acordes.

Ele sentia o sangue a bombear com mais força pelo corpo, sentia-o acelerar ainda mais quando a sua mente finalmente ligou a verdade a esta realidade. Sage, Evie, a mulher que era dona do seu coração enegrecido e esfarrapado, tinha desaparecido de vez.

Um líquido quente ardeu-lhe por detrás dos olhos.

— É uma ordem, Sage. — Ele gritou a ordem sem a sua autoridade habitual. — Abre os olhos.

Olhou para as mãos que seguravam um pequeno ramo de rosas brancas e pegou numa. Era como gelo, e o anel de tinta dourada no dedo mindinho desvanecia-se na sua pele, desprovido de magia. Ele não o sentia, não a podia ajudar. Tinha pensado que o anel de tinta não tinha brilhado nos seus bíceps por causa das algemas que lhe roubavam a magia, mas não fora nada disso. Não brilhava porque não havia mais vida nele, não havia mais vida *nela*.

Enquanto tentava pestanejar para afastar o líquido quente, uma única lágrima escorreu-lhe pelo rosto. Levantou a mão dela e encostou

os lábios aos nós dos dedos, tão ao de leve que sabia que mal seria sentido, se ela ainda estivesse com ele.

— Eu falhei contigo. Sinto muito. Volta.

Ela não respondeu, não quis responder, e ocorreu a Trystan que nunca mais ouviria a voz de Sage. Os seus gritos excitados, o seu riso contagiante, o seu cantarolar melódico, as suas piadas, a sua franqueza. Era um pedaço do seu mundo que ele tinha tomado como garantido e agora tinha desaparecido para sempre.

Tal como toda a gente que ele encontrava, tudo em que tocava, ficava arruinado.

Ele tinha sido tão egoísta. Desde o dia em que a contratara, fizera dela um alvo. Acreditara estupidamente que, se arruinasse de propósito, nunca mais aconteceria por acaso. Que ser O Vilão o salvaria.

Em vez disso, tinha destruído a única pessoa que tinha visto para lá de tudo isso, que não só o tinha visto verdadeiramente, mas que não hesitara quando o vira.

Deuses, ele nunca se perdoaria por isto. *Nunca.*

Sir Seymore agarrou-lhe o braço com um aperto viscoso, mas ele mal o sentiu. Mais dois guardas se lhe juntaram, e depois mais dois. Foram precisas muitas pessoas para o arrastar para longe dela. Gritou até ficar rouco, investiu e debateu-se contra o aperto deles, mas não era suficientemente forte. Já não era.

Mesmo assim, continuou a lutar, a lutar até não poder mais, até que os seus membros enfraquecidos cederam e a sua visão ficou nublada, até que tudo o que ele viu quando foi arrastado pela porta de volta para a sua cela aberta foi o último cavaleiro restante, aquele com os olhos familiares.

E ele estava a articular qualquer coisa com os lábios.

Algo que se parecia estranhamente com «esperança».

Foi algo tão estranho que abstraiu Trystan do seu desespero. Ele franziu o sobrolho quando o cavaleiro desapareceu atrás da porta que se fechava.

Esperança? Porque é que um Guarda Valente quererá que O Vilão tivesse esperança?

Não importava. A esperança era inútil. Evie Sage estava morta.



CAPÍTULO 5

BECKY

Este plano era perigoso.

Estas pessoas eram pomposas.

E o pior de tudo é que *ela* devia estar maluca por ter embarcado nesta violação ambulante à gestão de Recursos Humanos.

— Estás a pisar o meu pé — rosnou Becky a Blade, que estava ao seu lado, trajado como um nobre, com o tecido imaculado muito esticado sobre os braços fortes. Fossem quem fossem os aristocratas a quem Tatianna surripiara os disfarces, o de Blade era obviamente de um cavaleiro que nunca se envolvia no tipo de atividades físicas que o treinador de dragões praticava no dia a dia. Como lutar com um réptil com o dobro do tamanho de uma casa.

Mesmo assim, ele estava bonito, o que a deixava claramente irritada.

— As minhas desculpas, adorável Rebecka.

O timbre baixo, bem como a forma como lhe sorriu, eriçou-lhe os pelos finos dos braços. O estômago revirou-se com a meia curvatura dos lábios dele, provocantes e quentes ao mesmo tempo. Uma combinação bastante letal.

Uma combinação bastante horrível, na verdade. As relações dentro do escritório são altamente desencorajadas, Becky, lembra-te?

Com um franzir de sobrancelhas, a diretora de Recursos Humanos do Vilão olhou para o resto da festa. O salão de baile era o maior que ela já tinha visto e, numa outra vida, ela já vira muitos. Os tetos

abobadados davam a ilusão de que a sala era ampla e interminável, e o candelabro de cristal brilhava com centenas de velas. Os nobres queriam apenas o melhor, e este mundo tinha sido construído para o oferecer prontamente. O que era injusto para os outros, e oh, como ela desprezava quando as coisas não eram justas.

O seu exemplo mais recente? Estar encalhada com Blade.

— Gostava que prestasses mais atenção. — Lançou-lhe um olhar de censura, o seu olhar mais intimidante; o seu melhor, na verdade.

Os seus olhos cor de âmbar, tantas vezes cheios de alegria, ganharam intensidade quando ele respondeu:

— Garanto-te: eu presto.

E depois, sem aviso, estendeu a mão e empurrou-lhe suavemente os óculos para cima na cana do nariz. Ela nem sequer tinha reparado que tinham escorregado.

Mas ele tinha.

O seu coração palpitou, e ela revoltou-se com ele. *Para com isso, seu traidor.*

— Obrigada — disse ela, surpreendida e alarmada com a suavidade da sua voz. De onde é que isso veio?

Blade também ficou surpreendido, a julgar pela forma como ficou boquiaberto e pelo ligeiro tremor na voz, que tentou disfarçar com uma tossidela.

— De nada.

A insegurança que ela experimentava nas interações entre eles estava a tornar-se tão desagradável. Ela tinha concordado em trabalhar para O Vilão para *escapar* da sua vida caótica, para ter ordem. Em vez disso, tinha-lhe sido entregue uma curandeira que se vestia de cor-de-rosa, uma assistente do patrão que era a versão humana de uma bala de canhão, e um treinador de dragões imundo com um sorriso tão intenso que lhe queimava as córneas.

Mas agora que ele não estava a sorrir... ela sentia-se estranhamente despojada.

Isto é o que eu ganho por concordar com uma reunião social. Relacionado com o trabalho ou não, compromete os nossos princípios.

Quando deixara a família, tinha jurado viver na solidão e na organização como as únicas formas de encontrar um pouco de conforto

neste mundo confuso. O que tornou a sua decisão de se juntar a esta missão ainda mais desconcertante, tendo em conta que mal conseguia suportar todos eles num dia bom. No entanto, achara que não podia permitir que eles fizessem isso sem ela. Além disso, era apenas mais uma oportunidade para dizer a todos para onde ir e o que fazer.

Ela era excelente nisso.

Também era excelente a cumprir horários, uma habilidade que o rei claramente não tinha. Há quanto tempo é que eles estavam ali parados, a aguardar o começo do desmascaramento?

Blade ergueu uma sobrancelha, seguindo os olhos dela até o grande relógio dourado entre as janelas ornamentadas. Ele pôs uma mão à frente da boca enquanto se inclinava, com a respiração a fazer-lhe cócegas na orelha.

— Não devia começar às nove horas?

— Sim! — gritou ela, ligeiramente embaraçada com a explosão.

Ele, de alguma forma, pareceu ficar irritado em nome dela.

— Inaceitável. Queres que o Fofinho os reduza a cinzas por ti?

Ela arqueou uma sobrancelha e cruzou os braços.

— O dragão faria isso por mim? — Becky inclinou a cabeça, assustada com a seriedade no seu rosto.

— Tenho a certeza de que o dragão faria qualquer coisa por ti. — Ele pestanejou, quase como se estivesse a sair de um transe, antes de voltar ao seu comportamento alegre. — Se ele conseguisse acender mais do que uma vela de aniversário.

Havia um feitiço nesta sala — era a única explicação para a desilusão que ela sentiu quando ele voltou à expressão radiante que lançava a toda a gente. A expressão intensa tinha-lhe estranhamente parecido... ter sido só para ela.

Uma mudança de assunto era necessária, e depressa.

— Achas que eles conseguiram...

Foi interrompida por um arquejo de Blade, que a agarrou pelas ancas e quase a empurrou até as costas dela baterem numa parede, encurralando-a no nicho com um braço de cada lado dela.

Com o coração a bater desenfreado e uma excitação selvagem que lhe deixava o sangue em brasa, ela fulminou-o por detrás das lentes dos seus grandes óculos.

— Sr. Gushiken, tire as mãos de cima de mim, imediatamente!

Ela estava demasiado perto, tão perto que conseguia sentir o cheiro do cedro na pele dele. Era desarmante. Ele estremeceu, com um ar arrependido, mas não mexeu as mãos. Manteve-as quase protetoras à volta da cabeça dela.

— Parece que o meu pai decidiu assistir à sua primeira celebração no Palácio Cintilante. Nunca imaginei que ele viesse. Ele normalmente não é de se misturar socialmente.

Ah, ela tinha-se esquecido de que Blade tinha crescido ali, e que o pai dele era conselheiro político do rei.

Ela lambeu os lábios, e os olhos dele descaíram juntamente com o estômago dela.

— Suponho que não dá jeito nenhum seres reconhecido.

— Não.

A voz rouca dele fê-la estremecer.

Três batidas fortes ecoaram pelo vasto espaço, chamando a atenção de todos. Isso fez com que Blade retirasse uma das mãos para que ambos pudessem ver o Rei Benedict de pé no topo da grande escadaria.

— Bem-vindos! Bem-vindos, meus honrados convidados, ao desmascaramento do Vilão!

A multidão fez uma vénia antes de aplaudir quando vários Guardas Valentes entraram pelas portas abertas atrás do rei, arrastando uma figura com eles: um homem vestido impecavelmente de preto, desde a máscara à volta dos olhos até às botas brilhantes nos pés. Os aplausos transformaram-se em vaias.

— Patrão — sussurrou Blade, com a voz tingida de preocupação.

O Vilão foi arrastado pelos degraus de mármore, tropeçando, com os pulsos acorrentados e a boca numa linha firme e dura. Nunca vacilou, nem mesmo quando um Guarda Valente o acorrentou ao poste que se projetava do meio do estrado elevado na parede do fundo. Já havia outro homem acorrentado ao seu lado — um com longos cabelos e barba ruivos.

— Arnold — sussurrou Blade.

Becky virou-se para olhar para ele, interrompendo os seus pensamentos tumultuosos.

— O nome do curandeiro central é Arthur.

Blade franziu o sobrolho.

— Tens a certeza?

— Sim! E nós não temos tempo para isto! — repreendeu ela.

O treinador de dragões soltou um suspiro, mas manteve o corpo inclinado sobre o dela, como se a protegesse do resto da sala, enquanto o rei prosseguia:

— Esta noite, finalmente acabamos com a tirania de uma década do Vilão e choramos aqueles que perdemos às suas mãos violentas. — O rei inclinou a cabeça em saudação solene, mas Becky podia jurar ter visto um pequeno sorriso na sua boca. — Contemplem a última vítima do Vilão! — anunciou ele levantando a cabeça. — Uma luz para sempre extinta pela escuridão. A filha de um amado cavaleiro. A nossa Evangelina Sage.

Becky sentiu os olhos saírem-lhe da cabeça quando um grande caixão de vidro adornado foi arrastado pelas portas laterais até ao centro da sala. A multidão aglomerou-se à volta do caixão, tornando difícil a sua visualização.

— Isto é inaceitável — disse ela quando o relógio marcava as nove e dez.

— Rebecka! — gritou Blade enquanto ela abria caminho por entre a multidão, mas ela parou quando o caminho para o caixão dourado ficou finalmente livre.

Evangelina jazia lá dentro, imóvel como a morte. *Não, isto está errado. Alguma coisa correu mal.* Este não era o plano...

A voz do rei ecoou pela sala mais uma vez quando Blade a agarrou pelos ombros e a puxou para trás, praguejando ao ver a menina Sage.

— Juntos, esta noite, entramos numa nova era para Rennedawn, enquanto eu e os meus Guardas Valentes começamos a nossa busca para cumprir a profecia d'*A História de Rennedawn*. Porque se falharmos...

Uma outra alusão a um sorriso surgiu nos lábios do rei antes de se dissipar, mas não antes de Becky registar o pequeno movimento.

— O nosso reino deixará de existir.

A multidão entrou em erupção.



CAPÍTULO 6

O VILÃO

— **O**lha para mim! Arthur Maverine estava a chamar Trystan, mas ele fingia não ouvir. O borrão da máscara negra obstruía a sua visão periférica, deixando-lhe apenas a visão do público a atirar-lhe comida. Tudo parecia mais lento, mais aborrecido, como se o tempo tivesse transformado o mundo em algo que ele já não reconhecia.

— Seu porco! — gritou um membro da nobreza, lançando o que parecia ser um profiterole aos seus pés.

Ele franziu o sobrolho.

— Que desperdício horrível de pastelaria. Preferia que atirassem pedras. — Disse as palavras sem emoção, numa tentativa de afastar os insistentes chamamentos de Arthur.

— Trystan, temos de te tirar daqui antes que sejas desmascarado.

Havia uma súplica na voz do pai, mas não o atingiu — nada o atingiria. Por esta altura, ele tinha adormecido as suas emoções tão completamente, que não tinha a certeza se alguma vez conseguiria sentir mais alguma coisa.

A Sage foi-se. O que é que isto interessa?

Fungou, franzindo o sobrolho de novo para as sobremesas descartadas à volta das suas botas brilhantes. Benedict aprontara-o para a ocasião, provavelmente tentando dar-lhe um ar formidável em vez de esfarrapado e fraco. Não seria bom O Vilão obter a simpatia da multidão.

— É inútil preocupar-se com o nome Maverine, Arthur. Eu já o ar-ruinei completamente.

Arthur gaguejou ao seu lado.

— Isso não me interessa agora, filho! Nem te devia interessar a ti.

Trystan ergueu uma sobancelha por baixo da máscara e olhou finalmente para o pai.

— O que me interessa são os pobres profiteroles, na verdade.

Arthur olhou para ele, enquanto lutava contra as suas próprias correntes.

— A sério, Trystan. O teu futuro está em jogo.

Trystan zombou, com os punhos cerrados atrás de si.

— Que futuro?

Arthur deve ter seguido o olhar de Trystan para o caixão; ele não conseguia desviar o olhar, não o faria.

— Oh, meu filho — disse Arthur com tristeza. — Ela ia querer que tu...

— Não se *atreva* a dizer-me o que ela ia querer. Não fale dela.

Os poucos nobres que ainda lhe atiravam coisas pararam perante o veneno nas suas palavras, baixando inteligentemente as mãos e afastando-se alguns passos. O resto da multidão já estava a apartar-se, abrindo espaço para Benedict, que, com a sua coroa incrustada de joias e a sua cara capa de pele, se dirigia para o estrado.

Trystan retesou-se quando Benedict passou pelo caixão de Sage, roçando uma mão sobre ele com fingida compaixão. As correntes de Trystan fizeram barulho quando ele as puxou, rosnando baixinho. Tudo o que a sua mente conhecia naquele momento era raiva.

— Durante muito tempo, fui incapaz de apresentar O Vilão à justiça, em pôr fim aos horrores que ele cometeu contra o meu povo! — gritou o rei. — Ele é um perigo para todos nós, a sua magia foi feita para ferir, para *matar*. — Todos os olhos estavam postos no rei, mesmo os dos guardas que se afastavam dos seus postos para ver melhor. — Ele aterrorizou famílias nobres, roubou bens e tornou a Floresta das Nogueiras, um lugar outrora amado, e agora demasiado temível para atravessar.

Numa época diferente, num lugar diferente, o elogio poderia ter-lhe subido à cabeça.

— E a pior das suas ofensas, a que eu tentei poupar-vos a todos. — O rei suspirou, como se as palavras fossem dolorosas, e Trystan teve um forte desejo de lhe atirar um tomate; a sua atuação era mesmo má. — Uma atrocidade cometida há dez anos.

A cabeça de Trystan ergueu-se, os seus ombros endireitaram-se com a sugestão de uma revelação... mas de quê?

Qual é o teu jogo, meu?

— Por causa de O Vilão ter capturado e mantido o precioso guivre do Destino durante a última década, os cidadãos de Rennewdawn foram obrigados a sofrer num ato de vingança da natureza.

O subconsciente de Trystan dissipou a sua névoa de desespero quando se apercebeu, chocado, daquilo que Benedict o acusava.

— O Vilão é a causa da Doença Mística.

Maldição.

A multidão rugia de indignação, gritando insultos vulgares — nada a que ele não estivesse habituado; com toda a honestidade, alguns deles eram criativamente coloridos — mas as suas chicotadas verbais eram normalmente por atrocidades que ele *tinha cometido*.

Isto não tem nada que ver comigo e tu sabes disso, seu miserável.

Benedict aproximou-se mais.

— E agora vou revelar-vos a todos o horrível traidor! — Benedict aproximou-se dele, murmurando baixinho. — Pronto, meu rapaz?

Trystan acenou com a cabeça em deferência, mantendo a voz baixa também.

— Devo dizer que este papel te fica bem, Benedict.

O rei semicerrou os olhos.

— Que papel?

Ele curvou o lábio, sabendo o efeito que as suas palavras teriam.

— Ora, o de vilão.

As narinas de Benedict dilataram-se e os olhos arregalaram-se, furiosos. Ele estendeu a mão para a gola da camisa de Trystan, mas antes de ter levantado a mão para o agredir, um grito agudo atravessou a sala.

— E-ela *desapareceu!* — gritou uma cortesã.

Todos, incluindo Trystan, olharam para onde ela estava a apontar — para o caixão que tinha sido ignorado nos últimos momentos.

Ele já não tinha uma visão desimpedida. A multidão tinha-se adiantado, escondendo o seu pesadelo da vista. Tudo o que viu foi um brilho de vidro para lá da massa de cabeças nobres que se contorcia, enquanto mais gritos surgiam entre os espectadores.

O seu coração acelerou e sentiu um arrepio na nuca, com um rugido a ecoar nos seus ouvidos. As correntes tilintavam e chocalhavam atrás dele enquanto ele se esforçava contra elas, inclinando a cabeça para cima, esperando desesperadamente que a multidão se afastasse.

— Mexam-se, seus malditos pavões! — gritou ele e, milagrosamente, eles atenderam ao seu comando, os nobres mergulhando para cada lado da sala, revelando o que estava além.

E ele viu.

O caixão de vidro, anteriormente preenchido com a materialização do seu maior medo, estava vazio.

— Mas que raio é isto? Quem é o responsável? — gritou o rei, descendo os degraus do estrado. Mas não houve tempo para especulações... pois um assobio leve e familiar dançou pelo ar.

O tempo parou.

A sala depressa ficou silenciosa — silenciosa o suficiente para se ouvirem os passos nervosos, o tilintar agitado dos guardas que começavam a empunhar as suas espadas. Parecia medo.

E era medo, pois todos os olhos da sala seguiram o assobio até ao cimo da grande escadaria.

Ali, com flores a cair ao longo do cabelo e um sorriso malicioso nos lábios pintados de vermelho, estava Evie Sage.

Viva.

O seu sorriso alargou-se à medida que a multidão ofegava e gritava aterrorizada com a ressurreição da defunta. Um sorriso de resposta puxou impossivelmente os cantos da sua própria boca, sobrepondo-se ao choque muscular que congelava os seus membros. Esse choque descongelava lentamente à medida que os seus olhos absorviam cada centímetro dela. Ele nunca mais seria capaz de desviar o olhar.

— Que festa tão bonita — disse ela, numa voz suave como um farol a atravessar o nevoeiro da sua perplexidade. Ele não tinha a certeza se o que estava a ver era real.

Mas, com as palavras seguintes que saíram da boca dela, ele soube que era mesmo ela. Sage estava viva.

Os joelhos dele cederam quando os olhos azuis dela captaram os seus e o sorriso dela se alargou ainda mais.

— Estou talvez um pouco magoada por não ter recebido um convite.

AVISO AOS COLABORADORES:

Ultimamente tem-se verificado um perturbador aumento do entusiasmo, da alegria e do otimismo. Pede-se o favor de retomarem o comportamento sombrio e nefasto assim que possível.

A gerência

UPS!

Evie Sage nunca se sentiu tão feliz como assistente do Vilão. Quem haveria de dizer que seria assim tão gratificante trabalhar para um Senhor do Mal escandalosamente atraente? (Mas não falemos nisso, pode ser mau para a imagem dele.) Ainda assim, o ramo da maldade é muito exigente, as forças do bem são irrimavelmente persistentes e, de momento, o patrão de Evie não se encontra no escritório.

Rennedawn corre um grande perigo, e todos os sinais — até os de Kingsley — apontam para uma catástrofe iminente. Há algo de peculiar a acontecer à magia do reino, e isso deixou a mansão do Vilão vulnerável a todos os seus inimigos.

Evie tem pela frente um enorme desafio: proteger o covil do Vilão, o seu trabalho obscuro e talvez até o próprio reino. Para isso, terá de adquirir novas aptidões, como traição, luta com adagas e conspiração com o inimigo. E é tudo tão... divertido!

Mas o que é que se pode esperar quando a assistente do Vilão está prestes a tornar-se a sua aprendiz?

COMO TUDO
COMEÇOU



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-622-5



9 789895 635225